

RESENHA: INTRODUÇÃO À TEORIA SOCIAL PÓS-MODERNA

Introduction to the Post-modern Social Theory

EVANGELISTA, João Emanuel. **Teoria social pós-moderna: introdução crítica**. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

Dannyel Brunno Herculano Rezende – UFRN¹¹¹

João Emanuel Evangelista é autor de *Tear de Homens: relações de poder em fábricas têxteis* (EDUFRN, 2000) e publicou também *Crise do marxismo e Irracionalismo Pós-moderno* (CORTEZ, 2002). Ressurge, neste momento, em mais uma produção: *Teoria social pós-moderna: introdução crítica* (SULINA, 2007). Autor de convicção marxista, revela-se amadurecido em suas reflexões acerca do ideário pós-moderno, nesse sentido evidencia as limitações impostas de tal pensamento. Seu principal trunfo, nessa produção, é saber que a modernidade não foi superada pelo tão propagado advento da pós-modernidade em novo momento histórico-social. O que há, é um avanço do capitalismo associado à lógica ultraconservadora do capital.

Professor pelo Departamento de Ciências Sociais e pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, Emanuel Evangelista percorre um caminho que vai de preocupações com os problemas e as transformações do mundo do trabalho (*Tear de Homens*) ao enfrentamento das “vagas irracionistas pós-modernas” em defesa dos marxistas e seu pensamento (*Crise do Marxismo*). Nos últimos anos, vem se dedicando ao estudo das mudanças culturais contemporâneas associadas à reestruturação produtiva e à mundialização do capital. Evangelista direciona suas atenções para o estudo da pós-modernidade.

¹¹¹ Mestre em Ciências Sociais / UFRN. Membro da Base de Pesquisa Cultura, Política e Educação e pesquisador do Grupo de Estudo Mídia e Poder / GEMP / UFRN. Área de interesse: Democracia, Estudos Eleitorais, Mídia e Política.

E-mail: drezende@bol.com.br

Não se restringindo apenas a uma análise das conceitualizações e das posições teóricas pós-moderna, o professor Evangelista, em sua mais recente publicação (Teoria social pós-moderna), resgata o itinerário e o contexto histórico e social de tal pensamento, inclusive, em sua penetração no Brasil, país de consonância com ordem capitalista mundial. Foi através, principalmente, dos cadernos culturais da Folha de São Paulo que se teve o acolhimento de tais reflexões no país. Nesse sentido, A Recepção das Idéias Pós-Modernas no Brasil constitui-se o capítulo de número primeiro. É bem verdade que tal capítulo que se abre nos insere na problemática pós-moderna sem, no entanto, deixar de lado a especificidade do percurso da teoria no Brasil.

“Importar novas idéias”, parece ter sido uma fórmula constante em nosso país. A despeito das críticas e formulações intelectuais mais ásperas que certamente o leitor encontrará na obra, as propostas pós-modernas esteve presente no Brasil a partir da década de 70, em virtude de uma crescente insatisfação com “os cânones estéticos modernistas”. É de fato um movimento que emerge como cultura pós-moderna, em momento inaugural arquitetônico estilístico, mas que depois também se expressa como pensamento pós-moderno em um esforço intelectual renovado de reflexão da cultura e da sociedade no perfil das transformações contemporâneas. Definitivamente, Evangelista recobre passo a passo como tais reflexões se capilarizaram no país, em um movimento sempre crescente que vai da estética à teoria social.

Em que pese às múltiplas, inacabadas e discordantes considerações intelectuais entre os termos moderno/pós-moderno, modernidade/pós-modernidade e modernismo/pós-modernismo, o fato é que a expressão pós estabelece relações vindouras com aquilo que é moderno (nidade/nismo). Pós-modernidade em contraposição ou continuidade ao período civilizatório intitulado modernidade. Perfeitamente, em A Crise da Modernidade, capítulo de número segundo, analisa Evangelista, tal expressão (modernidade) “adquiriu o significado ampliado de um projeto civilizatório em fins do século 18, inspirado na aplicação das idéias filosóficas do Iluminismo” (p. 42-3). Com efeito, foi com o nascimento do movimento das luzes e a consolidação do sistema capitalista de produção, tendo na industrialização e na produção de mercadorias seus agentes “revolucionários”, que se deu a cristalização do Iluminismo.

Nesse contexto, “razão, ciência e progresso foram idéias centrais que passaram a dominar o cenário intelectual do século 19” (p.46). Todavia, nos lembra Evangelista, a modernidade capitalista engendrou um quadro social complexo. A crítica arrasadora à crença iluminista de progresso linear inexorável para todos os homens e o surgimento do movimento operário e socialista como protagonista político e agente questionador da lógica social burguesa, evidenciou claramente o nascer das contradições modernas. Tais antagonismos viriam mover, em turbilhão, a sociedade quando das crises do capitalismo e dos aperfeiçoamentos tecnológicos em momentos prósperos para o capital. Nesse sentido, a compressão espaço-tempo e a aceleração no tempo de giro do capital, tornaram salientes as características fragmentadoras, fluidas e caóticas da modernidade, as quais se fizeram sentir esteticamente em um movimento cultural chamado modernismo.

Com muita propriedade, Evangelista evidencia que o movimento da superestrutura não se dá por divórcio com a infra-estrutura. Muito pelo contrário, foi a partir do esgotamento da longa onda expansiva do capital, em final da década de 60, a qual associada à crise do Welfare State e do socialismo soviético, início, então, do neoliberalismo, que se criou condições propícia para o surgimento do pensamento pós-moderno. Tal raciocínio — melhor acentuado no capítulo terceiro: *O Pensamento Pós-Moderno* — surge justamente da “constatação” da “crise da modernidade”. A partir daí “se afirmaria como expressão intelectual de uma nova ordem societária que se está formando em contraposição à modernidade em crise. O pensamento pós-moderno seria a expressão teórica e cultural de uma nova situação sócio-histórica: *a condição pós-moderna*” (p.75-6).

Quando se procura estudar o pensamento pós-moderno, percebe-se imediatamente a existência de uma grande confusão e indefinição quanto ao seu significado, não há consenso, se o pós-moderno representa uma continuidade ou uma ruptura com o modernismo; se constitui um estilo ou uma periodização histórica, se é revolucionário e inovador ou uma domesticação do modernismo; se consiste numa crítica ou numa integração à política neoconservadora hegemônica no mundo; se configura numa reestruturação radical da sociedade ou se é exatamente a lógica cultural do capitalismo avançado (p.77). Evidentemente, outros traços distintivos como a sensação vigente de irrealidade, vazio ou confusão podem ser facilmente identificados em sua caracterização; todavia, o discurso pós-moderno

vem adquirindo saliência interpretativa nas formulações de Jean-François Lyotard¹¹², considerado por muitos como a “síntese” de tal pensamento.

Foi desenvolvendo suas reflexões no campo da teoria social e da epistemologia, que Lyotard passou a relacionar o “fracasso da modernidade” à “crise das metanarrativas”. Sua interpretação é que os metarrelatos, mecanismos tradicionais de legitimação das ciências modernas, entraram em crise, porque não foram capazes de dar conta dos alentados imperativos econômicos e sociais modernos; estando, nessa linha, o *marxismo* entre as narrativas de orientação emancipatória. Sua tese fundamenta-se na idéia de que o conhecimento mudou de estatuto quando a sociedade entrou na fase pós-industrial e a cultura na pós-modernidade. O saber científico, resultado do progresso das ciências, passou a descartar as metanarrativas em face da legitimidade do que chamou “jogo das linguagens”, porque mais adequadas aos imperativos pós-modernos. A ciência, nesse ínterim, vale acrescentar, transformou-se também em mercadoria e responde hoje como principal força à ordem produtiva do capital.

Dessa forma, diante do conjunto das observações, fazendo também uma defesa do marxismo enquanto arcabouço teórico-metodológico capaz de enfrentar os argumentos que se desdobram em proteção do capital, Evangelista n’*A Crítica ao Pós-Modernismo*, quarto capítulo do livro, elenca destacados autores cujas contribuições são imprescindíveis para um completo entendimento das transformações sofridas na atualidade. Teóricos como Jurgen Habermas, Fredric Jamenson, David Harvey e Terry Eagleton engrossam o coro dos que evidenciam as recentes mudanças econômicas, políticas e socioculturais no mundo, e contestam, veementemente, a ótica discursiva conservadora e mercadológica de Lyotard. Para esses estudiosos, o apóio e as limitações interpretativas de Lyotard, ensejam grande conformismo e aprovação da irracionalidade do capital.

Sumariamente, pode-se dizer dos autores que, para Habermas a tese de Lyotard, de surgimento da pós-modernidade, é destituída de fundamentos. Evidencia o caráter inconcluso das potencialidades emancipatórias da modernidade, ao passo que enfatiza a existência de um deslocamento de paradigmas da sociedade do trabalho à sociedade da informação; o pós-modernismo é ainda um movimento

¹¹² Obra principal *La Condition Post Modern* (1979), nessa produção sistematiza pela primeira vez uma reflexão teórica sobre a emergência da pós-modernidade.

cultural de caráter conservador. Segundo Jamenson, a pós-modernidade refere-se a um novo período histórico do capitalismo (multinacional ou de consumo), “reproduz a lógica do capitalismo da sociedade do consumo”, e o pós-modernismo “é a lógica cultural do capitalismo tardio” (p.139). Harvey desafia as interpretações hegemônicas ao conseguir relacionar a condição pós-moderna à compressão espaço-tempo, e assim, evidenciar as implicações sociais decorrentes de tais mutações. Apesar das dissonâncias, o pós-modernismo se distingue principalmente pela rejeição às metateorias modernas. Para Eagleton a cultura pós-moderna revela-se ambígua, sendo, ao mesmo tempo, radical e conformista; a pós-modernidade é encarada como uma linha de questionamento de noções como: razão, progresso, grandes narrativas, entre outros; o pós-modernismo é um estilo cultural que reflete nas artes a dinâmica da sociedade (p. 162). Seu exame no assunto, constata, ainda, a importância categórica da “totalidade” a qual incomoda os pós-modernos, e (re)afirma a superioridade do marxismo na análise dialética da sociedade.

É assim, de acordo com o texto acima referenciado, que o professor Evangelista vai traçar sua crítica à pós-modernidade e aos que advogam a sua salvaguarda. Mais ainda, no encaixe de tais avaliações, torna transparente o engodo a que todos estão sujeitos quando da exposição aos propagados discursos reconciliadores com a realidade, como bem denotam as verbosidades pós-modernas. Com efeito, no último capítulo, — Capitalismo, Hegemonia Neoliberal e Pós-modernismo — João Emanuel cunha sua compreensão sobre a pós-modernidade e avalia: a proposição de que o mundo atual estaria assistindo uma ruptura no sentido da pós-modernidade apresenta-se mais como uma projeção imaginária, visto que a mundialização do capital mostra abertamente a continuidade do sistema capitalista. As transformações em andamento são uma ruptura dentro da ordem social do capital (p. 171).

Muitas das características apresentadas como demonstração da instauração da pós-modernidade, são, na verdade, traços manifestos da própria modernidade (p. 181). Nada assegura a existência de uma ruptura societária com a conseqüente aparição de novas formas de relações entre os homens. Ao contrário, a análise detalhada da modernidade aponta para seus vínculos com o sistema capitalista, bem como suas manifestações e mazelas, as quais são debitadas à própria modernidade, mas que os teóricos pós-modernos insistem em inverter a situação